

OS DESAFIOS DA DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO SUPERIOR

Este texto objetiva promover a reflexão acerca de alguns desafios para a na educação superior e as implicações para a relação entre professores e alunos.

Conforme o pensamento do filósofo pré-socrático Heráclito de Éfeso um homem jamais poderá entrar no mesmo rio, pois como as águas ele também não será mais o mesmo. O processo educacional constitui-se de uma relação dialética entre alunos e professores com perspectiva de transformação e de mudanças, o que significa que a aprendizagem pode levar à construção de novos horizontes para o mundo humano.

A constante (re) construção das concepções, intermediada pela linguagem, promove a evolução, o progresso e a mudança. Ensinar e aprender remete a um processo de transformação da realidade na medida em que as gerações mais velhas testemunham as suas experiências para as gerações mais novas, tencionando a recriação e a inovação.

A disciplina, neste sentido, apresenta-se como um dos primeiros desafios da docência na educação superior. Conforme argumentam Bouffleur e Fensterseifer (2011) é na educação que o homem deve ser disciplinado, sendo a disciplina o ato de domar a selvageria. O mundo humano é constituído de padrões que foram construídos através do estabelecimento de regras de convivência. Tais padrões podem ser transformados através de novos acordos estabelecidos coletivamente, mas alerta-se: nem tudo pode ser prazeroso ao ser humano.

A principal característica da educação superior é o desenvolvimento de conhecimentos específicos e aprofundados que sejam capazes de inserir o sujeito no mundo do trabalho profissionalizando-o. É um aprendizado programado que exige o esforço de professores e alunos: cabe ao professor conhecer profundamente os conteúdos a serem testemunhados, colocando-se como autoridade frente aos seus alunos na medida em que ele está inserido numa comunidade epistemológica; cabe aos alunos serem autônomos na busca pelo conhecimento, e através da disciplina conseguir participar dessa comunidade epistemológica da qual faz parte o professor.

O encontro entre professores e alunos pressupõe que há um saber a ser comunicado, de modo que esse título de mestre exige um conhecimento verdadeiro daquilo que se está testemunhando. É preciso saber do quê se trata, de onde surgiu esse conhecimento, quais são os principais autores e filósofos que abordam a temática. O título de discípulo exige que o aluno mergulhe nesse conhecimento e que supere a necessidade de coação externa.

Ao assumir a condição de professor, o sujeito necessita desenvolver a disciplina intelectual, que é a capacidade de pesquisar e estudar constantemente investindo na sua formação. O professor não pode ser um mero operador de ensino, transmissor de conteúdos, e a aula não é um momento de prazer. Cabe ao aluno compreender que estudar é mesmo cansativo, que é uma obrigação e que pode significar aborrecimento e sofrimento.

Por tratar-se de um espaço voltado para o mundo do trabalho, o aluno reivindica o conhecimento prático, ele quer receitas de “como fazer”. A formação superior, entretanto, não é um passeio prazeroso com soluções prontas a respeito das diversas atividades profissionais. Assistir uma conferência, ler um livro, acompanhar raciocínios

complexos são as formas que podem levar o educando à sua autonomia.

Ao mergulhar no conhecimento com autonomia, o sujeito dá sentido ao caráter aberto e inacabado da condição humana. Isso quer dizer que o aprendizado não é apenas a reprodução ou a cópia, sendo necessário que esse conhecimento se desenvolva com criatividade e inventividade.

Outro desafio para a docência no ensino superior é tornar o aluno livre, afinal a inserção no mundo do trabalho exigirá desse sujeito a capacidade de seguir por si mesmo o percurso. No âmbito da sala de aula, pode-se afirmar que o aluno não é totalmente livre uma vez que a liberdade se realiza na possibilidade de mudar as regras. Quando professor e aluno se encontram não está tudo em negociação: há um currículo, há uma figura de mestre que é o professor e este, constitui-se como a fonte mais legítima de autoridade.

A autoridade do professor se dá quando ele efetivamente está a frente de seus alunos, quando ele leu e entendeu realmente os conteúdos sendo capaz de emancipá-los da opinião, que no âmbito de um espaço de educação é inútil, carregada de preconceito.

Enquanto habitante do mundo, o sujeito pode mudar as regras e transformar a sua realidade pelo diálogo e pela argumentação. Mas o diálogo não é a troca de opiniões, é um esforço cansativo baseado em conhecimento, exige uma verdadeira intelectualidade.

É também um desafio para a docência na educação superior a formação de um sujeito autônomo, que opere as suas ações pelo princípio da realidade, o que requer o reconhecimento de que a vida adulta não pode ser guiada pelas emoções, ou pelo princípio do prazer, mas pela capacidade de abstrair-se dos sentimentos e agir racionalmente, no âmbito de regras que foram produzidas pela coletividade, e que podem ser transformadas ao longo do tempo.

É por meio da educação que as novas gerações são inseridas no mundo cultural vigente, e o que os torna humanos é a capacidade de dizer não aos ditames do instinto, é a busca pela razoabilidade através do aprendizado. O conhecimento, portanto, produz o mundo humano, o que leva ao entendimento de que “educar equivale a humanizar”.

A filosofia tem como o grande tema a racionalidade: como conviver de forma razoável? Como enfrentar o desafio de uma conduta racional? Essas respostas conduzem às diversas concepções de como operar a razão, que nem sempre foi entendida da mesma forma.

Exploram-se três paradigmas do conhecimento - das essências, da razão subjetiva e da razão comunicativa - e propõe-se uma virada paradigmática como o último e grande desafio para a docência na educação superior.

A luz do paradigma das essências protagonizado por Platão e Aristóteles, a educação é um processo de transmissão e de memorização. Os mestres são as “mentes iluminadas” e os discípulos as “mentes sem luz”. A aprendizagem se dá diante de um conhecimento que está posto e não pode ser transformado: cabe ao aluno conhecer, desvendar e dominar um arcabouço intelectual.

Com a emergência das ciências da natureza e da evolução tecnológica da era moderna protagonizada por Max Weber, o paradigma da razão subjetiva torna-se a lente da educação, sendo a sua tarefa oportunizar a aprendizagem de conteúdos científicos para o domínio racional, adequando-se a um novo tipo de sociedade.

O paradigma da comunicação que está ancorado no ato comunicativo de Habermas visa resgatar o papel da linguagem na constituição da vida humana. No âmbito da sala

de aula, instaura-se uma dinâmica dialógica em que professores e alunos, ou mestres e discípulos assumem novas responsabilidades.

O professor sistematiza informações e interage com os alunos para suscitar sentidos mais aprimorados em relação aos conteúdos, despertando a visão crítica dos mesmos num determinado campo de conhecimento. Essa virada paradigmática coloca a linguagem como a possibilidade de comunicação, pois os interlocutores interpretam e acionam os seus sentidos, o que permite a produção do inédito.

O professor coloca-se no papel de recepcionista das novas gerações ao mundo, acolhendo e orientado os indivíduos conforme a ordem cultural e social estabelecida. Pressupõe-se que o conhecimento que foi construído ao longo dos tempos configura a forma razoável de viver, forma esta que não é estanque, precisa de contínuos ajustes, está sempre sendo aprimorada.

Essa dinâmica se dá através do espaço pedagógico, quando o professor oportuniza o diálogo, o entendimento sempre baseado na compreensão de razões. Salienta-se que a aprendizagem não é algo que se pode fazer pelos outros, mas através do testemunho da própria aprendizagem o professor envolve e estimula o aluno, acionando a fala, a escrita, a imagem, os gestos e os olhares, despertando e analisando reações, avaliando dúvidas e as concordâncias dos alunos sempre tendo em vista que em sala de aula são dois polos aprendentes: o professor e o aluno.

Quando o aluno reage, argumenta e questiona é possível avaliar os conteúdos e reformular percepções. Essa relação dialética representa o processo de aprendizagem, sempre contínuo para quem está ensinando e para quem está aprendendo.

Por fim argumenta-se que o professor deve avaliar-se frente a essa dinâmica de sala de aula, assumindo a sua condição de eterno aprendiz na situação pedagógica, pontuando se as suas percepções se transformaram e se a aula provocou realmente o sentido da metáfora de Heráclito de Éfeso: professores e alunos já não serão mais os mesmos.

BOUFLEUER, José Pedro. *Pedagogia latino-americana*: Freire e Dussel. Ijuí: UNIJUÍ, 1991.

_____. *Pedagogia da ação comunicativa: uma leitura de Habermas*. Ijuí: UNIJUÍ, 1997.

DUSSEL, Enrique D. *Para uma ética da libertação latino-americana III; erótica e pedagógica*. São Paulo: Loyola, 1977.

FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação?* 8ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

HABERMAS, Jürgen. *Consciência moral e agir comunicativo*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

_____. *Pensamento pós-metafísico: estudos filosóficos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990a.

_____. *O discurso filosófico da modernidade*. Lisboa: Dom Quixote, 1990b.

MARQUES, Mario Osorio. *Os paradigmas da educação*. In: *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Brasília: MEC-INEP, v.73, n.175, p.547-565, set.-dez. 1992.

_____. *Conhecimento e modernidade em reconstrução*. Ijuí: UNIJUÍ, 1993.

SAVATER, Fernando. *O valor de educar*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

RESUMO

Fábio Roberto Pillatt

Bacharel em Sistemas de Informação
Especialista em Administração Acadêmica e Universitária
Mestre em Informática
UNIBALSAS – Faculdade de Balsas
prof.fabiopillatt@unibalsas.edu.br

Márcia Regina Banov

Bacharel em Psicologia
Especialista em Psicopedagogia
Especialista em Didática do Ensino Superior
Mestre em Psicologia
Universidade São Marcos
marciabanov@uol.com.br

Johnny Herberthy Martins Ferreira

Bacharel em Administração
Especialista em Docência do Ensino Superior
Mestre em Administração e Controladoria
UNIBALSAS – Faculdade de Balsas
herberthy@hotmail.com

Cleverton Marlon Possani

Bacharel em Ciência da Computação
Especialista em Administração Acadêmica e Universitária
Especialista em Programação Avançada para Redes de Computadores
Mestre em Engenharia da Produção
UNIBALSAS – Faculdade de Balsas
dir.academica@unibalsas.edu.br

O artigo apresenta uma reflexão sobre a educação superior na atual sociedade, as principais mudanças requeridas para o processo de ensino-aprendizagem e as dificuldades encontradas na implementação destas mudanças pelas Instituições de Ensino. O Artigo traça ainda um comparativo entre a atual sociedade digital e duas ficções tidas como fantasiosas no período em que foram lançadas: Admirável Mundo de Novo, escrito por Aldous Huxley, e a trilogia MATRIX, dirigida pelos irmãos Wachowski. São discutidos os métodos de ensino utilizados nas sociedades fictícias e comparados aos utilizados atualmente.

Abstract: The article presents a reflection on education in contemporary society, the main changes required for the teaching-learning process and the difficulties encountered in implementing these changes by educational institutions. The article also draws a comparison between the current and two fiction digital societies known as fanciful in the period in which they were first published: Brave New World written by Aldous Huxley, and MATRIX trilogy, directed by the Wachowski brothers. We discuss the teaching methods used in those fictitious societies and we compare them to those used today.

Palavras Chave: Educação; Ensino-Aprendizagem; Sociedade Digital.